

Marcos Satoru Kawanami

Sonetos

o arquivo de
Renato Suttana

2016

***Copyright* © Marcos Satoru Kawanami, 2016**

O Arquivo de Renato Suttana

Todos os direitos reservados em língua portuguesa.

Este livro é distribuído gratuitamente,
para uso individual e não comercial.

Não pode ser reproduzido sem autorização do autor.

Link para o arquivo eletrônico na internet:

http://www.arquivors.com/kawanami_sonetos.pdf

Sumário

DESBUNDE.....	5
JOANA D'ARC.....	6
CARAVANA.....	7
FICAR NA MÃO.....	8
MISTO QUENTE.....	9
BORBOLETA.....	10
FALATÓRIO.....	11
COVEIRO.....	12
NIHIL OBSTAT.....	13
HIBISCUS.....	14
MAMADA.....	15
PURGANTE.....	16
INIMPUTÁVEL.....	17
DAS TRIPAS INTESTINO.....	18
CONFORME RELATADO.....	19
ATOS 1.....	20
SARAPATEL.....	21
ELOGIATIVO E NAMORISTA.....	22
FLATO VERÍDICO.....	23
HUMANIDADE PRESENTIDA.....	24
RECORREMOS.....	25
TEMPORAL.....	26
CÃO E GATO.....	27
SOBRE O AUTOR.....	28

Descarga biliar alheia ao nexo
exaure minha tripa cerebral,
e o oco craniano é que é o real
sonhar de um neo-símio assaz perplexo.

De tanto o que me aparta é o genuflexo
entregue ao devaneio surreal
retido no capacitor mental,
gerando o espectro de um prisma convexo.

Orgânica matéria se confunde,
por meio de entre-laços eletrônicos,
ao sonho acreditado que a fecunde.

E o símio, em seus versos nada harmônicos,
havendo terminado, que desbunde,
fazendo embriaguez com Biotônico!



Afia numa pedra o canivete,
e enfia-o no bolso, convincente,
na cisma de querer ser indecente
a única menina entre os pivetes.

Roubou a liberdade que compete
ao seu padrão de jogo para frente,
ousou não se render ao aparente,
e, entanto, é mais mulher sem ser coquete.

A escola ensina muita pilantragem;
nas aulas, ela emenda a professora;
por isso, tão bem vê a vadiagem...

Se acaso a transgressão é sedutora,
sofreu esta menina defasagem
moral, pois da Moral é defensora.



Eu sei que não saber não dá ciência
a mim do que não sei, sabendo ou não,
de tudo que, com lógica e razão,
conheço e sei que sei, por evidência.

Conduz-me tosca mão, falaz prudência,
contudo, se é o saber a devoção
à qual, estulto, entrego o coração
no torpe turbilhão das aparências...

Pondero que não há que mais saber,
nem houve nunca, desde aquele pomo
que vem se deglutindo sem querer.

A bem desses milênios, que hoje somos
além de caravana a percorrer
o espaço numa busca do que fomos?



Sete anos, por Jacó, Raquel sofria,
sofria a todo instante, o ano inteiro,
sentindo que queimava num braseiro
a doce mocidade, a qual partia...

Labão, ainda por cima, deu foi Lia
a fim de desposar Jacó primeiro;
e, pobre de Raquel, que pai fuleiro!,
tramava, assim, deixá-la pra titia?

E nunca se viu tanta carestia
de rola, que estampava, no trigueiro
semblante de Raquel, branca apatia.

Conforto traz às moças tal roteiro,
se, às vezes, encontrarem agonia,
tocando siririca no banheiro.



Algun lugar pensado, inexistente,
existe na memória do que existo,
ainda que o lugar eu tenha visto
no tempo sem pensar de estar contente.

Sentido algum me diz que agora sente
aquele tal lugar que sinto, e, nisto,
o mundo quer mostrar-se como um misto
de hambúrguer e bauru, um misto quente.

Mas em qualquer lugar felicidade
constrói o pensamento quando pode,
e agora humor feliz é o que me invade.

Pois danço minha pena no pagode
escrito nestes versos à vontade,
enquanto um povo doido se sacode.



BORBOLETA

Eu não farei poema à borboleta,
inseto que esvoaça sobre a rima
furtada da inequívoca obra-prima
jamais escrita por esta caneta.

Persigo a perseguida de veneta,
mas voa a rima alheia à minha estima
a qual “torce, aprimora, alteia, lima
a frase”, que se esconde numa greta.

E o muro, “paredão todo gretado”,
é sóbrio, é careta, e é quadrado,
mas guarda para si aquela greta.

Solitário empunhando esta caneta
por ser da borboleta rechaçado,
achei-me, em outra greta, contentado.



Falam que o que falo é pornografia,
pois falo falo falo falo falo,
e, em síntese, o que falo vai pro ralo,
parece até que sou mitologia...

Mas, se falo o que falo, quem diria
fi-lo, em meu lugar, não diria, e fá-lo
pois falo falo falo falo falo,
mas nunca fi-lo além da portaria!

Não disse putaria, que é abuso
de puto sem noção que sabe picas
das normas de boceta e seu bom uso.

Contudo, se ao caralho tu me indicas,
segura furibunda o meu obtuso
soneto, que é de bunda mais pudica!



COVEIRO

Mudei-me para o bairro do pé junto,
lugar calmo e de muita urbanidade,
porém recanto morto da cidade,
pois, pra vizinho, tenho só defunto.

Eu mesmo me respondo se pergunto,
e, sem por que falar amenidades,
já penso com maior profundidade,
comendo pão de queijo com presunto.

Coveiro sou, estou a edificar
um bairro para baixo, nos canteiros
onde todos irão se aconchegar.

Sou construtor dos lares derradeiros,
e vou cavando sem me preocupar,
pois nunca vi enterro de coveiro!



Que belas letras letras belas fazem?,
dispostas em figuras de linguagem,
dizendo quase tudo e mais bobagem,
na tela ou no papel onde elas jazem.

As letras em um texto, embora casem,
às vezes dão vazão a sacanagem,
mormente se elas forem da linhagem
das quais usou Bocage, e aqui o trazem.

Falácia humana, é tudo palavrório,
porém diverte a gente na jornada,
pois tem o mundo um tanto de ilusório.

E, se alguma porção me é destinada
das letras belas, faço meritório
soneto que se diz e não diz nada.

Eu tenho a minha dor, a dor é minha,
não é de mais ninguém, quem diz-me é ela,
cantante trovadora, Lira aquela
de quem a Flor do Lácio se avizinha

nas noites tais e quais o povo tinha
no tempo do Catulo as tão singelas
canções favorecidas de aquarelas
plangentes ao orvalho com mantinha...

De um tempo, o que restou? A poesia,
e nunca a dor; porque não é a dor
dos que viram e nem dos que virão.

A dor é do poeta que sorria
e que sofria enquanto trovador
em um violão, balcão, porão... No chão.



Então... batuque assim: cadência tipo
o nada se fez tudo em um segundo,
cadência que resume o caos do mundo
em mapa gatoforme ao que lhe ripo!

Um gato no telhado, e eu lhe engripo
o couro: tamborim de vagabundo;
maldade!, ô dó!, e quem diz é o Edmundo...,
rapaz, um animal!; oh, me constipo.

Porém já garanti a batucada,
e o gato, na verdade, é PVC:
Poli-Vinil-of-Cat; só fiz zoadá.

Desfaço uma amizade, e não você,
piada por quem dou a rima amada,
você que lê mamada quando lê!

Cagar é nossa norma, cague bem
e sem vergonha, cague todo dia;
cagar é coisa mais do que sadia,
cague cá, cague lá, e cague além.

Cagada, quem já fez aprova, e tem
apreço na cagada à revelia;
se aquele que não caga a repudia,
está só no despeito seu desdém.

Contudo, a ser cagão não seja afeito,
nem queira ser seu cu intrometido
em demandar, em ir pro pau em pleito.

E creia que a cagada mor tem sido
o não cagar conforme é de direito,
e assim morrer de fezes entupido!



A concatenação do texto é necessária como cauterizar um sangramento o é tirando uma hemorroida ou amputando um pé, e deve progredir conforme a faixa etária.

Outrossim confrontar opiniões contrárias conduz ao quebra-pau, edificando a fé de que esta Humanidade é mesmo uma ralé e vale a pena crer que exista coisa vária.

Porém a coerência é algo coerente, refutando um sofisma além de insofismável, pois sempre é sim, ou não, e coerentemente.

Procure terminar de forma inoxidável, mantendo a hemoglobina azul ou transparente, e um texto aí está, com siso, inimputável!



Haja o que hajar, mas aja, o agiota
ensina-te que agir é teu destino;
eu mesmo fiz das tripas intestino
a fim de nunca mais dizer lorota.

Aprende, cada qual tem sua quota
de insensatez, de sonho e desatino;
porém não vás criar um rato albino
igual faz cientista, ou idiota.

Procura sempre agir de tal maneira
que pareça acidente a boa ação,
senão parecerá mesmo é asneira...

Mantém a fleuma, tem educação;
agora, se racharem a madeira,
racha também, libera o palavrão!

— *Ascaris lumbricoides*, rapariga,
foi isso que saiu da tua orelha. —
informou-me o Dr. Florindo Abelha
nos dias em que eu era só barriga.

— Gravidez? — suspeitou a minha amiga,
porquanto o biotipo se assemelha,
e, em termos de barriga, era eu parelha,
mas minha gestação foi de lombriga!

Pari uma ninhada invertebrada
do Abelha, que é doutor... e invertebrado,
num parto desumano — uma cagada!

E, após a verminose eu ter gestado,
pretendo morrer virgem, deflorada
só na orelha, conforme relatado.

ATOS 1

Passado o tempo hostil das hostes mortas
deixadas para trás do que se esquece,
assim como subiu, agora desce
rompendo, em Seu descer, celestes portas.

O verso escrito certo em linhas tortas
foi posto no papel, foi posto em prece,
sem pressa, e a seu tempo, e apetece
a ti que podes ver, e o vento exortas.

Exortas hostes mortas vento vão,
passado hostil do tempo alheio ao todo
bem-vindo nestes versos de oração.

Por mais que se haja feito verso a rodo,
um verso torto escreve perfeição
se tem em Jesus Cristo o seu denodo.



Vai-se a primeira pomba despertada,
sai do pombal ao meu encontro, certa
que o seu cocô me acertará, e acerta
a bomba de cocô teleguiada.

Direis então: — Coitado camarada,
ama para entender, cloaca aberta,
cagada na camisa, é um alerta,
melhor nem trabalhar nesta jornada... —

E quanta gente, usando uma camisa
limpa, engomada e nova, sai vaidosa
sem temer o que pelo céu desliza.

Porém, feito uma chaga cancerosa,
um mal secreto cai e lhe matiza
a roupa, que antes era tão vistosa!



Cagando pela boca, e sem ser vista,
a dama mais formosa faleceu,
e quem a põe formosa não sou eu
senão Bocage, o luso beletrista.

Porque, no tempo do árcade humorista,
valia mesmo a lira de um Orfeu
a dama que limpou o cu com seu
escrito elogiativo e namorista.

Mas, tendo a visto velha, não perdera
poeta algum seu tempo em tal frescura
— cagando pela boca ela morrerá.

Por reles cupidez, a formosura
recebe graças mil, demãos de cera,
porém só lhe é sincera a sepultura.



O peido sai da peida, e é um gás translúcido, odorífico, butano mesclado com partículas do humano cocô, e vem daí o seu cartaz.

O peido é igual a filho, só quem faz aguenta. Digo isso sem engano, pois peido é sobre a gente soberano, e, às vezes, é questão de guerra e paz.

Falar como se a boca fosse o cu apraz quem reconhece, na humildade, a leda condição de ser jacu.

Mas, tendo o erudito a tal vontade, irá peidar, e, aí, o deixo nu, despido de qualquer vã veleidade.



Alguém, que nas vontades é profano,
vontades muitas tem sem alegria;
na escravidão, padece a tirania
do próprio eu querendo o próprio engano.

Já quem combate o tosco mal, tirano
que exerce da ilusão a vilania,
conhece nas virtudes alforria,
conhece em Jesus Cristo o soberano.

Porque dele é o caminho da verdade,
da vida verdadeira a ser vivida,
a vida na real humanidade.

Humanidade, às vezes, presentida
na coragem, na fé, na lealdade,
na beleza fugaz, mas incontida.



RECORREMOS

Trajando trajes andrajosos, ou
na estica dos salões da sociedade,
ninguém consegue achar felicidade
perene neste mundo onde ora estou.

Aqui, tudo é centelha que passou
diante da divina eternidade,
um nada inexistiu, a veleidade
de achar que sou mais eu, quando não sou.

Tragando ultrajes pedregosos, vamos
em busca do que fomos e seremos
após o tempo humano que datamos.

A quem nos há criado recorreremos;
por Deus, nós somos, fomos, e voltamos
à tal felicidade, que perdemos.



No tempo quando tempo não havia,
de sobra havia tempo para tudo
no nada inexistente e sempre mudo
em que a divina ideia se expandia.

Silêncio para ideias tem valia,
e um mundo floresceu forte e rombudo
até que o tosco mal de um abelhudo
montou aqui o palco da anarquia.

O tempo rareou, ficou escasso;
o tempo se apressou, ficou ligeiro;
o tempo é variável de equação.

O tempo agora é coisa, é calhamaço
em cifras de papel, tempo é dinheiro,
mas dinheiro, igualmente, é convenção.



CÃO E GATO

O gato olhava o cão, e, em si, pensava
maneira pra poder sacaneá-lo,
até que a ideia veio num estalo,
enquanto que o feijão eu preparava.

O cão, estranhamente, me assombrava
ralando rabanete sobre o ralo
com tal habilidade que eu não ralo,
pois gosta de ajudar, e me ajudava.

Janela aberta, surge o bom felino,
em duas patas, meio sem noção,
seguido pelo cão que perde o tino.

O cão fere a panela-de-pressão
que emite aquele timbre assaz mofino,
e é cão, é gato, é tudo na explosão...



Marcos Satoru Kawanami nasceu na cidade de São Paulo, no dia 15 de novembro de 1975, e passou quase toda a infância e adolescência na Ilha do Governador, RJ, onde estudou no Colégio Cenecista Capitão Lemos Cunha.

Em 2002, foi premiado no concurso nacional de poesia Helena Kolody. No mesmo ano, foi classificado para a final do Mapa Cultural Paulista.

Em 2005, seu livro *Memórias da lira velha* teve boa aceitação da crítica, como a Revista *Coyote* e a Revista *Zunái*. Em 2009, venceu o concurso nacional Prêmio Literário Livraria Asabeça VIII na categoria Poesia, tendo como prêmio a publicação do seu livro *Saudade da lira antiga* no ano de 2010.

Link para o site do Autor na internet:
<http://memoriasdaliravelha.blogspot.com.br>



O Arquivo de Renato Suttana
www.arquivors.com
(2016)